

Ocupações punk no Rio de Janeiro: visões de mundo e constituição das identidades

Fernanda Delvalhas Piccolo*

Resumo

O presente artigo é fruto da pesquisa “Cultura, visões de mundo e a constituição da identidade punk na sociedade urbana contemporânea”, realizada entre agosto de 2010 e janeiro de 2012, na cidade do Rio de Janeiro. Aqui, serão abordadas as visões de mundo e a constituição das identidades, tomando como universo de análise duas “ocupações” punks “auto-gestionadas”, localizadas no eixo centro-zona sul. A metodologia utilizada foi observação participante e entrevistas informais com moradores e frequentadores desses espaços. Os resultados apontam para uma mudança na identidade e no significado do que é ser punk. Se antes, era sinônimo de vestir-se de preto, usar cabelos moicanos e acessórios prateados, hoje a expressão dessa identidade alargou-se e heterogeneizou-se e, ser punk, para esses jovens, está em “ter atitude”, ser “desvinculado dos padrões da sociedade”, acreditar que “as coisas podem ser diferentes”. Para eles, o intuito das “ocupações” é para, além de um local de moradia, “fins culturais” e artísticos

Palavras-chave: Identidades; punks; ocupações; cidade.

Punk occupations in Rio de Janeiro: world views and constitution of identities

Abstract

This article is a result of the research project “Culture, world views and the constitution of punk identity in contemporary urban society”, carried out from August 2010 until January 2012, in the city of Rio de Janeiro. Here we will approach world views and constitution of identities, considering two “self-managed” punk “occupations” located in the downtown-south zone axis as our scope. The methodology used was participant observation and informal interviews with inhabitants and people who frequent such spaces. The results point out a change in identity and in the meaning of what it is to be punk. If earlier it meant wearing black, Mohican hairstyles and silver accessories, nowadays this identity’s expression has widen and heterogenized itself, and being punk for this generation is about “having an attitude”, being “detached from the patterns of society”, believing that “things can be different”. For them, the purpose of the “okupations” is, besides being a place of residence, fulfilling cultural and artistic objectives.

Keywords: Identities; punks; occupations; city.

O presente artigo é fruto do projeto de pesquisa “Cultura, visões de mundo e a constituição da identidade punk na sociedade urbana contemporânea.¹”, inserido na linha de pesquisa do IFRJ “Culturas e Identidades na sociedade contemporânea”, cujo objetivo é estudar os processos de constituição de identidades sociais, culturais, étnicas e de gênero na sociedade atual, bem como os conflitos e mediações advindos das interações de distintos grupos sociais. Nesse sentido, aqui serão abordadas a constituição das identidades na sociedade urbana contemporânea,

as visões de mundo, as percepções da arte e as ocupações/*squatts*² de jovens punks, tomando como universo de análise as ocupações/*squatts* Flor do Asfalto e Gaia, situadas em áreas centrais da cidade do Rio de Janeiro.

A pesquisa insere-se, pela sua problemática, no quadro mais amplo das reflexões sobre as cidades, seus habitantes, os modos de vida e os conflitos produzidos, vista a grande heterogeneidade que constitui o meio urbano.

Cabe lembrar que os estudos sobre as grandes cidades e seus habitantes, isto é, o modo

* Dra. Antropologia, pelo Museu Nacional (UFRJ), 2006. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) do Curso de Bacharelado em Produção Cultural do IFRJ. Email: fernanda.piccolo@ifrj.edu.br

como os indivíduos vivem e se relacionam nas metrópoles, sob o enfoque das Ciências Sociais, desenvolve-se de forma mais sistemática com a Escola de Chicago, com Park (1979 [1916]) e Wirth (1979 [1938]). A partir dos textos de Simmel - por exemplo, “A metrópole e a vida mental” (1979 [1902]) -, fonte inspiradora da referida escola de Sociologia, começou a se formar um *corpus* teórico e metodológico sobre o estudo contextual da cidade. Anterior a este período havia diversas reflexões sobre a cidade, mas elas não formavam um *corpus* sistemático sobre o tema.

Simmel (1979) estava preocupado com a subjetividade do indivíduo frente ao desenvolvimento da sociedade industrial e da modificação dos relacionamentos entre os indivíduos. Ele percebe o surgimento de um novo estilo de vida, com novos valores, como um individualismo pautado na liberdade e na singularidade do sujeito (Simmel, 1971). As relações entre os indivíduos são marcadas pela racionalidade, pela objetividade, pela impessoalidade, pelo anonimato - ainda que relativo -, pelo grande valor atribuído ao dinheiro. As interações tornam-se, progressivamente, mais efêmeras e fugazes, isso porque, com a crescente especialização e divisão do trabalho e das atividades sociais, o círculo de contato de um indivíduo se multiplica enormemente. Dessa forma, o sujeito participa de várias redes de relações sociais, com papéis sociais diferenciados, ainda que com graus variáveis, conforme a classe e a posição social, a idade, o gênero, a cor da pele, entre outros.

Dessa forma, Park (1979) e Wirth (1973a e 1973b), seguindo Simmel em suas preocupações, mas em uma outra etapa, irão centrar-se na organização social destas metrópoles, no caso, as grandes cidades americanas como Nova York e Chicago, que são locais de contatos e evitação de pessoas vindas dos mais diversos lugares do mundo, socializadas em culturas diferentes, que interagem com aqueles nascidos e socializados nesses locais. Tudo isto contribui para a grande heterogeneidade em relação a modos e estilos de vida. Se há algo que é comum a todos esses indivíduos é o fato de viverem em um local que apresenta as características descritas acima; no entanto, elas são elaboradas e vividas pelos

sujeitos de maneira diferenciada.

Os autores acima apontam, por meio da socialização do indivíduo cidadão, para o fato de que a cidade não é simplesmente uma unidade geográfica, territorial, mas, principalmente, ela é distinguida pelo modo de vida que seus habitantes desenvolvem. E, ainda, por ser marcada por um potencial de conflito entre essa população tão heterogênea, e, na maioria das vezes, contrastante (Velho, 1980 e 2000).

Eles se preocupam, ainda, com o modo de estudar essas cidades. Nesse sentido, uma das grandes contribuições vem de Foote-Whyte (1993[1943]) que adotou a observação participante - influenciado por Malinowski, entre outros - mediante a qual pode ser possível desvendar o modo e o estilo de vida das populações tão próximas geograficamente, mas, ao mesmo tempo, tão distantes em termos cognitivos, como ele relata em sua chegada a Corneville. Podemos pensar que Benjamin (1991[1938]) quando atenta para um dos tipos sociais nascidos nas grandes cidades, o *flâneur*, já apontava para a observação como um modo de apreender essa cidade.

Seguindo esta trilha é que utilizamos, na presente pesquisa, desenvolvida entre agosto de 2010 e janeiro de 2012, uma metodologia qualitativa com a realização de observação participante e entrevistas informais. A maneira como nos aproximamos do campo foi via rede de relações sociais e desde o início foram ressaltadas algumas questões. Uma delas é que as pessoas que freqüentam ou habitam tais espaços são bastante desconfiadas quanto à presença de estranhos, principalmente, se tal estranho quer conhecer o grupo. Realizamos, além das observações participantes, cinco entrevistas informais, com quatro homens e uma mulher. Destes dois moram nas ocupações e três as freqüentam, sendo que moram em municípios da Baixada Fluminense/RJ³; um tem 23 anos, três 25 anos e um 27 anos; quanto a cor/raça dois se definiram como “brancos”, um como “multiétnico”, um como “pardo” e um como “preto”. Em termos de escolaridade, um possui superior incompleto, três ensino médio completo, um ensino médio incompleto. Em relação aos afazeres, um faz “bicos”, um é funcionário público e músico, um ajuda na horta da ocupação, um é estagiário e

um tem uma banda, com a qual faz shows.

Com referencial teórico exposto acima voltamos nosso olhar para os punks cariocas moradores e/ou freqüentadores das ocupações/*squatts* localizadas em áreas centrais da cidade.

OS PUNKS E A CIDADE

É nas cidades contemporâneas, local da efemeridade e da fluidez das relações sociais, da fragmentação, desconstrução e construção de identidades que encontramos hoje os punks que estudamos. Portanto, o punk é um fenômeno social juvenil e citadino. Indivíduos denominados ou autodenominados punk surgiram em meados da década de 70 e, naquele momento, talvez mais do que hoje, este grupo social era considerado, por setores da sociedade, como um grupo desviante das regras sociais vigentes, por sua estética, comportamentos, gostos e estilo de vida.

Cabe ressaltar que os comportamentos e identidades desviantes são construções sociais a partir das interações entre os indivíduos com distintos gostos e estilos de vida, no qual, o grupo hegemônico, entre termos de poder social, rejeita, rotula e estigmatiza grupos minoritários (em termos de poder). Assim, conforme Becker (1977: 60): “os grupos sociais criam o desvio ao fazer as regras cuja infração constitui desvio e ao aplicar essas regras a pessoas particulares e rotulá-las como marginais e desviantes”. Assim, essas definições ocorreriam dentro de um sistema de acusação, que segundo Velho (1997:58), é “[...] uma estratégia mais ou menos consciente de manipular poder e organizar emoções, delimitando fronteiras” entre os grupos aceitos e considerados “normais” e aqueles considerados “anormais”.

Nesse contexto que o estilo de vida, a visão de mundo e a identidade punk tornam-se um estigma em nossa sociedade, marcando as interações entre esses jovens e outros setores da sociedade. Segundo Goffman (1988) o estigma, isto é, os “atributos” de um indivíduo vistos como “altamente depreciativos” num determinado grupo - no caso aqui analisado, os comportamentos, a estética, os gostos e estilos de vida punk- são percebidos e definidos nas relações entre os indivíduos e aquele que possui um atributo visto como “anormal” passa a não

ser aceito plenamente nas interações sociais. Esse indivíduo, então, passa a ser percebido e tratado como um estereótipo daquilo que os considerados “normais” consideram depreciativo, e sua identidade social é reduzida a este estereótipo, a partir do qual todas as suas ações reais ou imputáveis serão lidas. É nesse sentido que esses indivíduos, nas interações sociais, são reduzidos ao estereótipo que se tem do que é ser “punk” e de suas ações em nossa sociedade - são pessoas consideradas de menor valor social, “sujas”, “rebeldes”, potencialmente perigosas (Gallo, 2008; Vianna, 2010).

Deve-se atentar ao fato que os atos desviantes são situacionais e contextuais, no sentido de que o desvio é criado, assim como visto, pela sociedade, ou melhor, por determinados grupos sociais, como aponta Becker (1997, 2008). Assim, ser punk é considerado um ato desviante em nossa sociedade conferindo um estigma aos sujeitos que compartilham de tal identidade. Goffman (1988) refere-se aos estigmas da condição do “desacreditado”, que é aquele no qual a sua marca distintiva já é conhecida ou é evidente, nesse caso os punks seriam “desacreditados” por “culpas de caráter individual”.

Nesse sentido, os cabelos moicanos, as roupas pretas com correntes penduradas, as roupas rasgadas, os brincos e pinturas faciais, que imprimiam identidade aos punks da época, eram vistos, pelos grupos hegemônicos, como sinal de rebeldia da juventude e afronte às regras sociais. E os sujeitos que assim se enquadravam ou eram enquadrados eram estigmatizados.

O movimento punk, surgido como forma de expressão musical naquele período, se fez presente como forma de protesto ao Rock and Roll produzido na época, pretendendo um retorno às origens desse estilo musical. Cabe lembrar que a própria palavra punk era usada, em Nova Iorque e na Inglaterra, para designar o que “não prestava”, isto é, “drogados, sadomasoquistas, assaltantes mirins, travestis, prostitutas adolescentes, suicidas, sonhadores” (Bivar, 2007, p. 40), isto é, era utilizada para fazer referência aos grupos considerados desviantes socialmente. No Brasil, cabe ressaltar, a palavra punk é sinônimo de algo ruim, pesado.

Para os próprios sujeitos envolvidos no movimento punk, este surge com uma ideologia

de resistência e de contracultura, buscando questionar os valores sociais e políticos vigentes na época.

Podemos dizer que o movimento Punk-Rock surge como algo embrionário já na década anterior com o nome de Garage-Rock, com bandas como Mc5, The Stooges, New York Dolls, e, no final da década de 70, espalha-se para o mundo. O punk-rock surge em Nova Iorque com a banda os Ramones e logo encontra ressonância entre parte da juventude, visto que buscava a quebra de paradigmas mediante a estética punk e do seu slogan “Faça você mesmo”. No campo musical, esta idéia causa uma ruptura na visão de que apenas músicos virtuosos poderiam tocar, sendo assim, a partir desse momento qualquer pessoa que tivesse um instrumento e uma idéia poderia tocar e se divertir (Bivar, 2007).

Já a Inglaterra, em meados dos anos 1970, atravessava uma grave crise econômica, impossibilitando que os jovens fossem absorvidos pelo mercado de trabalho. Essa situação contribuiu para o surgimento de uma forte resistência por parte da juventude. Um empresário, chamado Malcolm McLaren, dono de uma loja de roupas, denominada Sex, antenado com as novidades da cena musical de Nova Iorque, visto que ele era o empresário da banda New York Dolls, trouxe a novidade para a Inglaterra e fundou o Sex Pistols, banda essa que com sua atitude agressiva e inovadora, protestou contra a situação vigente naquele momento no país e disseminou o Punk-Rock pela Inglaterra, dando origem a várias bandas como o The Clash, The Damned (Bivar, 2007).

No entanto, cabe ressaltar que o punk não é apenas um estilo musical, mas um estilo de vida e uma visão de mundo, constituindo-se em um movimento punk. Os jovens nele inseridos são (re)conhecidos em nossa sociedade por expressarem-se não apenas pela música, mas também via uma estética impressa na moda, na poesia e em fanzines, constituindo uma identidade urbana e contemporânea (Caiafa, 1985; Turra Neto, 2004; Canevacci, 2005; Gallo, 2008; Vianna, 2010).

Isto nos remete a experiências compartilhadas da juventude, como categorias socialmente construídas, e expressas simbolicamente pelo uso de roupas, o gosto musical, pelo uso do corpo,

pela linguagem. Nesse sentido, o pertencimento social desses jovens é inscrito no corpo, isto é, os símbolos dessa identidade são expressos corporalmente.

Cabe ressaltar que a “juventude” não é um dado estabelecido pela natureza, portanto, pelo biológico, mas, sim, é uma categoria construída social e historicamente que toma como referência os processos biológicos vistos como universais. Assim, as divisões da população em faixas etárias são arbitrárias e estão relacionadas a tipos de organizações sociais, formas de controle de recursos políticos e representações sociais sobre como a vida deve ser periodizada e sobre cada etapa. Dessa maneira, há definições distintas, conforme as culturas, as classes e os grupos sociais (Bourdieu, 1983).

Como ressalta, também, Debert (2003: 53), “essas categorias são constitutivas de realidades sociais específicas, uma vez que operam recortes no todo social, estabelecendo direitos e deveres diferenciais em uma população, definindo relações entre as gerações e distribuindo poder e privilégios”⁴

Voltando ao movimento punk, na década de 70, no Reino Unido, uma parcela dele, tendo contato com as ideologias anarquistas e pré-anarquistas de pensadores como Bakunin, Godwin, Proudhon, Malatesta e de seus antecessores Locke, Rosseau, Thoreau, forma o Anarco-Punk, grupo esse que se considera mais politizado e mais consciente de seu papel ideológico na construção de seus sonhos.

No Brasil, o movimento punk chega a São Paulo, no final dos anos 70 e de lá para os dias atuais, é possível encontrarmos punk circulando por inúmeras cidades brasileiras (Bivar, 2007).

Alguns autores têm se debruçado sobre os punks, enquanto grupo social, tais como Caiafa (1985), Turra Neto (2004), Canevacci (2005), Gallo (2008), Moraes (2009), Vianna (2010), mas colocando-os como uma subcultura no espaço da sociedade, por terem surgido na contracultura juvenil dos anos 70. No entanto, hoje, tanto o conceito de subcultura como o de contracultura perdem valia, visto que como aponta Canevacci (2005), as contraculturas se dissolveram nos anos 1990, dando espaço ao surgimento das “culturas extremas”, isto é, as culturas juvenis estão em fluxo móvel, são

plurais, fragmentadas, disjuntivas, assim como as identidades produzidas. Isto porque há um processo de fragmentação e complexificação da sociedade e das identidades nela produzida (Hall, 2004).

Assim, se em determinado momento, entre os anos 1970 e 1990, era possível associar o punk a sua estética visual e musical, hoje, como veremos a seguir, isso não é mais possível, visto que ser punk assume diferentes significados e estéticas.

Neste fluxo da sociedade contemporânea, surgem as ocupações e/ou “okupações” denominadas *squatts* – lugar de moradia, de encontro, de artes, de expressão de punks na interação com outros grupos sociais citadinos. Estas ocupações⁵, surgidas, na Europa, nos anos 60, ganham força no Brasil nos anos 1990. Elas referem-se a ocupações de espaços urbanos vazios, abandonados, como no caso aqui estudado um casarão abandonado e um armazém na área do cais do porto. A grafia com “K” (“okupações”) remete ao caráter politizado dos atos e à cultura punk (Belisário, 2008). Mais recentemente, no Rio de Janeiro, o termo ocupação passou a ser qualificativo de uma série de manifestações e ações políticas juvenis, no qual além das ocupações de prédios abandonados, passaram a ocupar entidades e instituições, principalmente públicas, frente às quais se está reivindicando direitos sociais, incluindo ações tais como manifestações artísticas, acampamentos, contestações – vide o movimento Ocupa Rio⁶.

A IDENTIDADE PUNK NA CONTEMPORANEIDADE: ARTE E SQUATS

A primeira questão a ser abordada é a própria percepção do que é ser punk atualmente, para os jovens entrevistados. Para eles a definição do ser punk passa pela não rotulação, ao mesmo tempo em que não se refere mais a uma estética com roupas pretas, acessórios de prata, cabelos moicanos, mas sim a uma “atitude”, a um “ideal”, a ser “diferente”.

“De boa essa coisa de rótulos eu acho uma grande besteira, você não pode ser isso ou aquilo, ter um padrão de comportamento e ser enquadrado como um livro na estante, como livro de filosofia ou de geografia. As pessoas

sentem necessidade de se afirmar de dizer que são alguma coisa porque na verdade não são merda nenhuma, eu poderia muito bem dizer que sou punk, que sou músico, que sou preto, mas eu acho que eu sou tudo isso e nada. A parada é ser e não ficar dizendo por aí sem fazer nada. Pelo que eu vejo hoje em dia qualquer um pode ser punk, porque ao que me parece a maioria das pessoas acha que ser punk é ter uma roupa suja e rasgada e beber e se divertir com as drogas ou ter um cabelo moicano. Eu acho isso tudo uma grande merda sabe, porra vai se fuder até essa merda desses pagodeiros e funkeiros estão com essa porra de moicano na cabeça, é tudo moda agora. Para mim, punk mesmo é o cara que tem uma ideologia, que acredita que através de ações políticas pode-se mudar alguma coisa, que até não seja o mundo, mas que ele mude a si mesmo e não seja constantemente manipulado por essa sociedade de consumo capitalista que só quer te usar e descartar”. (Pedro⁷, 25 anos)

Por isso, se hoje, por exemplo, o uso de cabelos moicanos está em diversos grupos, esse deixa de ser uma marca distintiva do punk. Nesse sentido é que podemos compreender a aversão a rotulação, visto que em nossa sociedade nos relacionamos com os outros via processos de rotulação, estereotipificação e estigmatização.

Assim, os participantes da pesquisa afirmam a existência de um movimento punk heterogêneo – dos punks politizados aos não, dos usuários de drogas aos não.

“Pô, cara! Eu uso jaqueta de couro e blusa com pet, tá ligado, de refrigerante. Pô cabelo normal, raspado e tênis rasgado, velho, tá ligado [...]. O cara pode ser milionário é ser punk. Ser punk é somente um ideal, ser punk é ser desvinculado dos padrões da sociedade. Sabe porque o padrão é diferente de se vestir, falar, tipo ser você mesmo. Pela postura o punk é um movimento de autodefinição.” (Guilherme, 25 anos)

Essa luta contra a rotulação seria uma luta contra a estigmatização, que homogeneiza, que iguala gostos, roupas, pensamentos. Nesse sentido, podemos entender essa quase rejeição aos sinais diacríticos que outrora eram associados

aos punks, ao mesmo tempo e que buscam uma definição pela ideologia, pela “atitude” de inconformismo, dissolvendo o rótulo. A contradição é que, como toda definição, ela também os homogeneiza, se não na estética visual, pela estética do pensamento.

“[...] eu gosto de ser livre, de não ter preconceitos, ser anarquista, ser Punk eu acho que e isso pra mim, você não precisa ter um estereotipo específico, o que vale e o que você pensa e o que você acredita e faz. Pelas pessoas que eu convivo, as coisas que eu conheço, eu vejo que não existe mais isso de se ter que ser assim ou usar aquilo para ser Punk ou qualquer outra coisa, está tudo na sua cabeça. Tem coisas que você não pode escolher, elas são escolhidas para você, pelo menos eu acho que é assim, tipo ser punk é muito louco você querer que as coisas sejam diferentes, e ter uma outra postura na vida implica no fato das pessoas te rejeitarem, e daí você acaba se sentindo excluído de uma série de coisas”. (Fátima, 23 anos)

“Eu sou punk porque calhou de ser, entende? Eu nunca pensei nisso, mas eu sempre fui meio inconformado com as coisas que via, parecia que estava tudo errado e eu não sabia por quê. Eu ando normal, você para ser o que é não precisa de nada especial, saca, o que conta é a tua atitude, o que você faz.[...] Cara punk é todo mundo que acha que as coisas podem ser diferentes, que se cansou dessa merda toda. Ser punk é foda, tá ligado, eu não gosto dessa porra de ser rotulado, as pessoas acham que podem me colocar numa porra de papel e me entender, ou dizer como eu sou, que se foda essa porra toda, você tem que participar, tem que estar no dia a dia, para saber de verdade. Ser Punk não é só usar moicano ou ter o A da Anarquia tatuado no braço, tem que saber das coisas é ter atitude.” (Porão, 25 anos)

A definição apresentada por nossos entrevistados vai ao encontro daquela apontada por Vianna (2010), na qual ser punk não era mais preciso cometer vandalismos, ficar sem tomar banho ou ser de origem operária, mas politizar-se, entender os sofrimentos que assola

os oprimidos, não ser submisso e principalmente ser autêntico.

Assim, a construção da identidade punk está para além do estereótipo existente em nossa sociedade. Ser punk implica, para além da estética visual, uma estética do comportamento e do pensamento. Nesse sentido, a atitude a qual nossos entrevistados se referem é aquela que foge da norma socialmente estabelecida em nossa sociedade. No entanto, com a fragmentação da mesma, as regras também são diversificadas. Nos perguntamos, então, a qual regra eles se sentem marginais ou “outsiders”, no sentido apontado Becker (2008), no qual estes são aquelas pessoas que tomam outro rumo frente as regras estabelecidas pelo grupo, ou pela sociedade dominante.

No caso aqui analisado, nossos entrevistados apresentam um discurso no qual salientam uma crescente sensação de inconformismo sobre a situação política e social do país. Desta forma, os jovens referem-se a uma ruptura com a sociedade capitalista consumista, que seria, para eles, num jogo de acusação, “hipócrita”, “injusta”, “manipuladora”. A mudança reivindicada vai frente aos valores da sociedade capitalista atual, tais como o individualismo e o consumismo, que ocasionariam a alienação dos jovens. Assim, o grande inimigo é uma entidade genérica, invisível, sem rostos ou nomes próprios, mas sim “o sistema”, “os políticos”, “a sociedade capitalista”.

“a sociedade toda é uma grande merda, todo mundo preocupado em consumir, em estar na moda e ninguém tem nada na cabeça, vagabundo está viajando, todo mundo sendo manipulado o tempo todo e acha que a vida está uma beleza, não está nada, está tudo uma merda. Tu vai no hospital não tem médico, aí procura emprego, não tem emprego, tu vota no político e o cara te fode, e, assim, de boa, não é em revolta o que eu tô dizendo, é apenas a verdade que ninguém quer ver, ou prefere fingir mesmo e só tomar cerveja e ver novela. A sociedade te vê com certeza como um desocupado, como um fodido, mas eu prefiro ter consciência das coisas que estão acontecendo do que ser mais um sujeito ignorante de tudo ao meu redor, a grande maioria das pessoas permanecem no tempo da

escravidão elas estão sempre tão necessitadas por ter tudo novo, o novo celular, a nova televisão, elas são escravas do consumismo, do capitalismo e não entendem nada da política do seu país, eu por entender um pouco das coisas como são aqui prefiro ser apolítico, porque aqui as coisas são assim quem mais gasta na campanha política, tem mais votos, ninguém sabe as ideologias da coisa.” (Pedro, 25 anos)

“Eu sou contra toda essa merda de política, eu sou contra todas essas coisas organizadas pela sociedade, ele só querem manipular as pessoas, e daí permanecem no poder, tô fora disso, eu só quero fazer as minhas paradas aqui porque eu acredito nelas, agora a política só te fode.[...] Eu sou Punk, sou anarquista e eu acredito que a política é toda corrupta, não dá para acreditar em um sistema político em que só os ricos ficam mais ricos, e os pobres ficam cada vez mais pobres, eu tô cansado dessa merda toda, sabe porque? Porque aqui as coisas não são assim mesmo, os caras do poder permanecem porque a população não tem educação e não sabe votar, no Brasil é foda, a população só se fode. As pessoas acham que nós somos todos uns desocupados, que não fazemos nada para ninguém, mas a gente tem vontade de mudar o que tá errado.” (Porão, 25 anos)

“A sociedade é bem injusta, não precisa ser um sociólogo pra chegar a essa conclusão, penso que boa parte dessa injustiça se deve ao fato do voto obrigatório, é uma merda isso”. (André, 27 anos)

Para os jovens entrevistados, para que a mudança seja efetivada, é preciso atuar via arte e cultura, este último termo entendido como sinônimo do primeiro, pois são mediante suas produções que seus ideais poderiam expandir-se para além de seu grupo social.

“a cultura é fundamental para nas nossas vidas, se a gente não tiver cultura a gente não se reconhece, e aí você vira só mais um número no sistema social. A cultura, a arte é tudo aquilo que você produz para a sociedade, é uma expressão da tua verdade. Eu tinha uma

banda de punk rock e tocava baixo e guitarra, mas hoje em dia a gente só toca de vez em quando, tá geral na correria.” (Pedro, 25 anos)

“A arte é fundamental, toda a produção do homem é uma obra de arte de certa forma, porque ali tem uma parte de si, então a arte nesse contexto é uma forma de você se tornar eterno, de fazer as suas ideias se comunicarem com mais e mais pessoas em uma reação em cadeia, que não te limites” (Fátima, 23 anos)

“Nesses lugares a gente encontra muito espaço para criar arte, e a gente fala o tempo todo, é tudo muito libertário. O movimento punk no mundo todo é muito organizado, a gente se comunica com o mundo todo, saca, e tudo pensando em grupo.” (André, 27 anos)

“Eu acho que a arte, a cultura são importantes para a gente pode dizer algo, se expressar, porque dessa forma o que a gente faz tem mais valor, eu, de boa, até gostaria de fazer alguma coisa relacionada à arte, mas não tenho muito jeito para a coisa não, mas lá tem maior galera que produz várias coisas interessantes, tem poeta, músico, artista mesmo tá ligado. O bom do espaço é que todo mundo é livre para criar o que quiser, ninguém vai ficar te regulando, dizendo o que é certo ou errado, isso é bom, essa liberdade.” (Porão, 25 anos)

Nesse sentido, que as ocupações/*squatts* têm espaço, visto que estas são tomadas para além de um local de moradia, como tendo “fins culturais”, nas quais cultivam a arte, a filosofia, e, numa delas aqui analisadas, uma horta. Regularmente ocorrem nesses espaços shows, recitais de poesias e exposições de arte. Além disso, são espaços autogerido, com o lema “faça você mesmo”.

“Eu frequento lá [a Flor do Asfalto] tipo, deve ter uns 4 anos. Lá tem muitos artistas plásticos, mas a ideia é bem aquela de fazer com pouca grana, e o faça você mesmo na real.” (André, 27 anos)

“Eu não trabalho desse jeito normal, tipo

carteira assinada e tudo mais, mas eu ajudo lá na horta. E grana, cara, a grana, cara, a gente da um jeito, se vira tá ligado”. (Porão, 25 anos)

Como dito anteriormente, realizamos observação participante e entrevistas informais com membros de duas ocupações localizadas no eixo centro-sul da cidade.

A primeira a qual nos aproximamos foi a Ocupação Flor do Asfalto, localizada até final de 2011, em um galpão desativado, que seria de uma empresa de arquitetura, na área do cais do porto no Rio de Janeiro. Na época da pesquisa de campo, a ocupação abrigava cerca de 50 pessoas, sendo algumas moradoras fixas, outras transeuntes, que utilizam o espaço como hospedagem para que possam seguir em frente em suas viagens. O espaço foi dividido em dois pelos moradores. Há uma horta, que é cultivada e de onde se originam parte dos alimentos dos moradores e, no outro espaço, ficam os alojamentos. Neste espaço são realizadas uma série de atividades culturais e artísticas, como shows musicais e de malabares, assim como exposições montadas por artistas plásticos residentes da ocupação. Entre seus residentes e frequentadores não estão apenas punks, mas pessoas diversificadas, como famílias de trabalhadores que não tem condições de pagarem um aluguel, artistas que encontraram ali um espaço para se expressarem, entre outras. O espaço é também um ponto de encontro e de resistência cultural na região, permitindo que moradores da região tenham acesso a livros através de uma biblioteca comunitária, assim como a filmes e a exposições artísticas. Essas atividades, assim como a horta são espaços comuns na ocupação, no entanto, a área dos alojamentos é de acesso restrito aos moradores, a qual não tivemos acesso.

“Pô, geralmente, nas ocupações, principalmente na Flor do Asfalto, porque lá fica no centro do RJ, com acesso de encontro mais fácil. [...] O espaço estava desativado há muito tempo, então decidimos ocupar para fins culturais. Tipo, o espaço não é uma moradia fixa, a gente ficava lá um tempo daí se organizava para ir para outro lugar. [...] Sabe e um aprendizado, lá tudo é auto-sustentável, todo mundo tem que trabalhar, a gente come o que planta, todo mundo produz. A gente tem uma horta e

cultiva a comida. Lá moram os punks e outras famílias que são economicamente miseráveis. Porra quem mora lá é fudido, economicamente desgraçado! O espaço é autogestionário, por ser um espaço libertário, é livre, as pessoas tem autonomia para criar trabalhos autênticos. Tipo fotografia, poesia, música, alimentos auto-sustentáveis” (Guilherme, 25 anos).

No final de 2011, a ocupação sofreu um processo de desalojamento para o início das obras do Porto Maravilha⁸, e contra o qual os membros da ocupação realizaram uma série de eventos, marcando uma ação de resistência, como podemos ver nas imagens abaixo.

Imagem 1: Folder de divulgação de evento



Material distribuído pelos membros da ocupação

Imagem 2: Folder de divulgação de evento



Material distribuído por membros da ocupação e postado na internet (<http://pelamoradia.wordpress.com/2011/11/25/ultima-gig-da-ocupacao-flor-do-asfalto/>)

A outra ocupação, a Gaia, está localizada num bairro carioca conhecido por ser local de moradia de artistas plásticos, próximo ao centro da cidade. Chegamos ao local num dia que estava ocorrendo um evento cultural, com uma série de atividades, tais como exibição de filmes, debates e uma série de oficinas, além de um almoço, marcando a inauguração do espaço Gaia.

É um espaço que reúne pessoas de diversos grupos, além dos punks, tais como mochileiros, músicos, artistas plásticos, poetas, rastafáris, hare-krishnas. Nesse dia, punks da ocupação Flor do Asfalto também estavam presentes ao evento. A maioria das pessoas que estavam no local tinha entre 20 e 30 anos.

O casarão em que fica a ocupação parecia star abandonada há muito tempo, estava bastante depreciada. Segundo uma entrevistada, a casa

estava vazia há uns 10 anos, e que a ocupação já tinha quase um ano, mas “que essas coisas são muito complicadas, por conta da policia e dos vizinhos”.

“A gente costuma se encontra nas ocupações para discutir sobre a filosofia da parada, para pensar o que fazer. O movimento no Rio de Janeiro e forte sim porque a galera e unida e sabe o que quer, a gente não só curte a arte da parada a gente em uma ideologia”. (Fátima, 23 anos)

Os jovens foram para as ocupações como forma de protesto tanto contra as condições políticas e sociais do país, bem como de sua própria. Por outro lado, encontraram nesses lugares, espaços para manifestarem sua criatividade.

“assim como eu não imaginava há um tempo atrás, ninguém podia imaginar que naquele espaço ali, bem no centro da cidade, num galpão velho e abandonado, pessoas estavam morando. Eu fui conhecer a ocupação através de uns amigos que me chamaram para tocar lá. Eu tinha uma banda de Punk Rock, que se chamava Foda-se, juntos com uns amigos, e um dia, em uma festa que nos tocamos, conhecemos uns caras lá da Flor. Tipo, eu já curtia a ideologia dos Punk, mas quando conheci o espaço, vi qual era a real da parada. Ser punk é atitude, é a forma de se comportar, não é como você se veste, isso não é nada, a parada é o que você faz. Eu morei por quase 2 anos eu acho, e saí porque estava quase sempre doído. [Risos!] La não tem só os punks morando tem famílias, artistas, rastafáris, tem e tudo lá.” (Pedro, 25 anos)

“Eu sempre fui meio inconformada com um monte de coisas, tipo minha família sempre teve uma condição legal, mas nem por isso eu era alienada das coisas, nunca gostei de ser tratada diferente, de ser uma patizinha. Eu vim morar aqui na ocupação porque eu queria ter uma convivência mais próxima com as coisas que eu acredito, não estava a fim de me sentir vazia, sem utilidade”. (Fátima, 23 anos)

É a partir das ocupações/squatts que podemos compreender o processo apontado por Gallo (2008), para o qual os punks contemporâneos não apresentam a pretensão revolucionária tal como concebida pela esquerda tradicional, entretanto, não deixam de ser políticos, pois promovem um combate diário e em pequena escala.

Ainda, se por um lado, esses punks reivindicam uma atuação “libertária”, por outro, não deixam de ter disciplina e regras bem definidas. Regras estas que tornariam possível a autogestão, entendida como havendo a participação de todos para tomadas de decisões, cuidar da horta, fazer a comida, entre outras atividades.

“Aqui no começo foi difícil de acostumar, sabe o pessoal tem várias regras, tudo é muito organizado. Todo mundo acha que a gente é Punk, anarquista e que a gente vive na desordem, no caos, maior besteira isso, na real a gente tem muita disciplina, para tudo que a gente faz tem uma votação, tudo é decidido em conjunto, a gente vê o que é melhor para o coletivo, e dessa forma a gente não invade o espaço dos outros, a gente tem uma coisa muito boa que a gente aprende lá na ocupação, tipo todo mundo é igual, a gente tenta tratar a todos da mesma forma, todo mundo que aparecer por lá vai ver que é assim mesmo. Lá na ocupação tem de tudo e uma grande família.” (Fátima, 23 anos)

“A gente lá na Flor do Asfalto vive em comunidade e tem regras, e a gente tá fazendo as coisas [...]. Cara, eu moro lá na ocupação tem uns 3 anos, sabe e tem maior galera lá, tipo nem todo mundo é Punk e geral vive em harmonia, todo mundo relax, a parada lá e a seguinte: todo mundo tem que ajudar a manter o espaço de boa, então todo mundo ajuda em todos os trabalhos e todo mundo vota para as decisões, a gente é uma comunidade, saca. Cada um tem o seu espaço lá dentro apesar de uma comunidade, a gente tem a nossa intimidade e todo mundo respeita o espaço do outro, e é por isso que a parada dá certo, porque todo mundo contribui.[...] A gente lá tem sempre uma série de atividades, todo segundo domingo do mês, eu acho que é o segundo ou o quarto, sei lá

esqueci” (Porão, 25 anos)

Notamos mediante as falas dos entrevistados que esse grupo, aparentemente definido como sem leis e sem regras por aqueles que os observam de fora, tem na sua estrutura regras bem definidas de convivência, que devem ser seguidas por todos os habitantes da ocupação. Ao observamos o comportamento e o discurso destes jovens punks, fica claro que assim como eles se sentem excluídos pela sociedade pelas regras que estão estabelecidas, assim como pelos conceitos que foram criados como certo ou errado, toda pessoa que não participar do grupo e de seu modo de gerir terá a mesma sensação, pois será excluído e privado de sua liberdade de escolha e de decisão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo apresentamos uma análise da constituição das identidades na sociedade urbana contemporânea, as visões de mundo, as percepções da arte e as ocupações/squatts⁹ de jovens punks, tomando como universo de análise as ocupações/squatts Flor do Asfalto e Gaia, situadas em áreas centrais da cidade do Rio de Janeiro.

Vimos que ser *punk*, expressar-se como tal ou identificar-se com a visão de mundo *punk* é um fenômeno da juventude. Ainda, salientamos a complexidade e heterogeneidade das identidades *punk* na cidade do Rio de Janeiro, as quais, por meio das ocupações/squatts, convivem com outras identidades, compartilhando experiências cotidianas e expressões artísticas.

Os habitantes e frequentadores dessas “ocupações” são, em sua maioria jovens, que transformam tais espaços em pontos de encontro de pessoas inseridas em grupos distintos, que expressam seu “inconformismo” com a “injusta” sociedade em que vivemos, com a política “manipuladora” e “corrupta” e buscam “a liberdade”. Se antes o punk era sinônimo de vestir-se de preto, com cabelos mocainos e acessórios prateados, hoje a expressão dessa identidade alargou-se e ser punk, para esses jovens, está “na cabeça”, em “ter atitude”, ter “outra postura na vida”, ser “desvinculado dos padrões da sociedade”, acreditar que “as coisas

podem ser diferentes”.

Cabe ressaltar que a sociedade urbana contemporânea é complexa e heterogênea, na qual diversos grupos com estilos de vida interagem, abrindo espaço para acusações de desvio e conflitos advindos desses encontros. Nesse sentido, a presente pesquisa torna-se fundamental, pois visa estudar as visões de mundo, a constituição da identidade de grupos *punks*, bem como são estabelecidas as relações sociais entre este grupo e a sociedade abrangente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M.I.M. e EUGENIO, F (orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- BECKER, H. *Outsiders: estudos da sociologia do desvio* Rio de Janeiro, Zahar, 2008.
- _____. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- BELISÁRIO, A. *Okupar é resistir: squatters unem cultura punk e anarquismo* (Online). Revista de Historia.com.br (2008). Disponibilidade <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/okupar-e-resistir>. Acesso (10/07/2013).
- BIVAR, A. *O que é punk*. São Paulo, Brasiliense, 2007.
- BOURDIEU, P. A “juventude” é apenas uma palavra. In: _____. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p.112-121.
- CAIAFA, J. *Movimento punk na cidade: a invasão dos bandos sub*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- CANEVACCI, M. *Culturas Extremas: mutações juvenis no corpo das metrópolis*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- DEBERT, G. G. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, M. M. L. (org.) *Velhice ou Terceira Idade?* 3º ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p.49-68
- FOOTE-WHYTE, W. *Street Corner Society: the social structure of an italian slum*. 4º ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1973.
- GALLO, I. C. D'Á.. Punk: cultura e arte. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 24, n. 40, p.747-770, jul./dez, 2008.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- HALL, S. *A identidade na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- LIMA, A. L.M. *Squat: espaço de sociabilidade e (re) invenção do social*. Trabalho apresentado na RAM, 20009. Disponível em < www.ram2009.unsam.edu.ar/.../GT%2050-%20Ponencia%20%5BLima%5D.pdf >, acessado em <10/03/2011>.
- MEAD, M. *Sexo e temperamento*. 3º ed. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- MORAIS, J. Territórios e territorialidades punks em Goiânia: resistência de uma cultura juvenil. *OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia*, v.1, n.2, p.2-19, jul. 2009.
- PAIS, J.M. e BLASS, L.M.S. (orgs.) *Tribos urbanas: produção artística e identidades*. São Paulo: Annablume, 2004.
- PARK, R. E.. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano em meio urbano. In: VELHO, O. G. (org.) *O fenômeno urbano*. 4ºed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979 [1916]. p.26-67
- REZENDE, C. B. Diversidade e identidade: discutindo jovens de camadas médias urbanas. In: VELHO, G. (org.) *Individualismo e juventude*. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 1990. p.07-24 (Comunicação do PPGAS n.18)
- SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O. G. (org.) *O fenômeno urbano*. 4ºed. Rio de Janeiro, Zahar, 1979 [1902]. p.11-25.
- TURRA NETO, N. *Enterrado vivo: identidade punk e território em londrina*. São Paulo: UNESP, 2004.

VELHO, G. Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica. In: VELHO, G. e ALVITO, M. (orgs.) *Cidadania e violência*. 2º ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ: FGV, 2000. p.11-25.

_____. *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 4º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia. In: VELHO, G. (coord.) *O desafio da cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Campus, 1980. p.13-22.

VELHO, G. e DUARTE, L.F.D. (orgs.). *Juventude contemporânea: culturas, gostos e carreiras*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

VIANNA, Alexander Martins. *Crítica à visão 'apocalíptica' Anarcopunk* (Online). Revista Espaço Acadêmico, n. 4, p. 38-45, jan., 2010. Disponibilidade <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/index>. Acesso (25/05/2010)

WIRTH, L. WIRTH, Louis. Os desafios da cidade e da metrópole. In: FERNANDES, Florestan (org). *Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo: Editora Nacional e Edusp, 1973a [1944]. p. 501-514

_____. Delineamento e problemas da comunidade. In: FERNANDES, Florestan (org). *Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo: Editora Nacional e Edusp, 1973b [1956]. p. 82-95

Notas

1 Agradecemos ao IFRJ/CNPq/FAPERJ pelo apoio financeiro. A pesquisa contou com a participação do bolsista de iniciação científica Victor Iotte Lara, do Curso Superior de Tecnologia em Produção Cultural, do IFRJ..

2 Sobre as ocupações/squatts em diferentes cidades brasileiras ver, entre outros, Gallo (2008) e Lima (2009).

3 A Baixada Fluminense refere-se a região metropolitana do Rio de Janeiro, sendo que seus limites não são consensuais nem em números de

habitantes, nem de municípios, e agrupa municípios com características socioculturais e geográficas bastante distintas. No entanto, a região, como um todo, é estigmatizada pelos meios de comunicação e pela sociedade do entorno, como sendo *locus* da violência, da carência de serviços públicos, da corrupção policial e política.

4 Diversos autores tomaram a juventude e os fenômenos sociais relacionados como objeto de análise, entre outros, Bourdieu (1983); Mead (1971); Rezende (1990); Pais e Blass (2004); Almeida e Eugenio (2006); Velho e Duarte (2010).

5 O termo ocupação é largamente utilizado pelos movimentos sociais, ver por exemplo os sem-terra. Ele refere-se, portanto, a um termo nativo, com múltiplos significados, mas com o referente de ocupar, de tomar o lugar e preenchê-lo, com pessoas e ações que antes ali não estavam e que não são vistas, pelo poder público e por setores da sociedade, como legítimas de estarem ali. Por isso, essas mesmas ações são lidas pelos meios de comunicação e pela polícia como invasões.

6 Em agosto de 2013, havia nas redes sociais, pelo menos 11 páginas de manifestações deste tipo, tendo no nome o prefixo "ocupa", com referência ao Rio de Janeiro.

7 Todos os nomes aqui utilizados são fictícios.

8 O Porto Maravilha é um mega projeto de revitalização da área portuária do município do Rio de Janeiro, com obras, entre outras, de infraestrutura e construção de Museus (para informações, ver, <http://portomaravilha.com.br/web/sup/OperUrbanaApresent.aspx>).

O projeto tornou-se alvo de inúmeras manifestações contrárias a sua implementação, devido associação com grandes empresas e associações empresariais, além da especulação imobiliária, que desalojaria pobres e tornaria este espaço inacessível às camadas populares.

9 Sobre as ocupações/squatts em diferentes cidades brasileiras ver, entre outros, Gallo (2008) e Lima (2009).